

A psicose ordinária à luz da teoria lacaniana do discurso*

Marie-Hélène Brousse**

Introdução

O termo *psicose ordinária* foi inventado e introduzido em nosso campo por Jacques-Alain Miller, em 1998, por ocasião de um dos encontros anuais das Seções Clínicas francófonas que fazem parte do Instituto do Campo freudiano. Esse termo se inscreve em um programa de pesquisa iniciado dois anos antes. O título do primeiro encontro era *Efeitos de surpresa nas psicoses*¹. O segundo, um ano mais tarde, os *Casos raros*², questionava as normas clássicas da clínica lacaniana da psicose tal como elas foram definidas no *Seminário 3*³ e no texto dos *Escritos*, “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”⁴. Foi no curso do terceiro tempo⁵ desse

* O presente artigo refere-se a um evento organizado por Marie-Hélène Brousse em julho de 2008, em Paris, a pedido de Jacques-Alain Miller. Tradução realizada por Patrícia Cagnet e Adrian Price e revista pela autora. Texto originalmente publicado com o título “La psychose ordinaire à la lumière de la théorie lacanienne du discours”. Em: *Quarto* n° 94/95. *Revue de psychanalyse* ECF-Bruxelas, junho de 2009, p. 10-15.

** Analista Membro da Escola – AME. Membro da École de la Cause Freudienne (ECF), da Escuela de la Orientación Lacaniana (EOL), da New Lacanian School (NLS) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

¹ MILLER, J.-A. *Le Conciliabule d'Angers – Effets de surprise dans les psychoses* (1996). Paris: Agalma, 1997.

² MILLER, J.-A. *Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica: A Conversação de Archon* (1997). São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira, 1998.

³ LACAN, J. *O Seminário, livro 3: as psicoses* (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

⁴ LACAN, J. “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1955-1956). Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 537-590.

programa de pesquisa que Jacques-Alain Miller propôs o termo *psicose ordinária* e uma nova elaboração clínica e teórica a partir da constatação de que esses casos “raros” não eram assim tão raros, ao contrário, muito frequentes.

Nessa época tornou-se claro que convinha admitir que certo número de fatos clínicos escapava às categorias utilizadas. Primeiramente, em toda prática analítica em consultório particular ou em instituição era evidente o aumento do número de casos de psicose. Mesmo se aceitamos que fazer um diagnóstico implica sempre um efeito arbitrário, ligado à própria lógica de qualquer classificação, mesmo se o real dos fenômenos clínicos apareça pelo viés da instauração de critérios seletivos que, por acréscimo, organiza, a psicose tende hoje, ao mesmo tempo, a se desenvolver por um lado e a se modificar por outro. O segundo ponto é que a proliferação desses casos impossíveis de classificar indica um para-além da perspectiva estritamente estruturalista.

Vou lembrar brevemente os três fundamentos sobre os quais repousa a teoria clássica freudiana e lacaniana da psicose.

Primeiramente a supremacia, o privilégio, no primeiro Lacan, do registro simbólico sobre os registros imaginário e real.

Em segundo lugar, a organização de uma aproximação clínica em torno de um eixo central conhecido sob o termo Nome-do-Pai. Mesmo se Lacan considere o fenômeno psicótico como não deficitário, o conceito de forclusão do Nome-do-Pai implica uma falta, a falta do significante paterno na ordem simbólica.

O terceiro ponto sobre o qual repousa a abordagem clássica lacaniana da psicose é a recusa de categorias intermediárias por razões epistemológicas e éticas ao mesmo tempo. Fazer um diagnóstico é sempre considerado por Lacan como um ato que implica uma decisão que exige ser argumentada

⁵ MILLER, J.-A. et al. *La psicosis ordinaria: La Convención de Antibes* (1998). Buenos Aires: Paidós, 2005.

logicamente e confirmada do ponto de vista clínico. Justamente, porque determinadas categorias, tais como *borderline* ou “personalidade narcísica”, se revelam por si mesmas inoperantes para nós em termos de tratamento; razão pela qual Lacan não desejava utilizá-las. Essa disciplina alcança seus frutos.

Dois movimentos impeliram à modificação dessa primeira orientação.

O primeiro foi a vontade de não transformar o que era uma prática flexível em uma *doxa* rígida, transformando diagnóstico, fenômeno e estrutura na crença em um real que podia *in fine* tornar cego um material clínico bem diferente dos fenômenos esperados.

O segundo movimento – talvez o mais importante – foi largamente imposto pelo ensino do último Lacan, que já havia antecipado uma mudança de época na clínica dos sintomas. A teoria do discurso nos permite compreender as modificações do discurso do mestre, tal como Lacan o escreveu.

Discurso do mestre

$$\begin{array}{ccc} \uparrow & \frac{S_1}{\$} & \longrightarrow & \frac{S_2}{a} & \downarrow \\ & // & & & \end{array}$$

No que concerne ao discurso do mestre, o nome – no sentido determinante que ele tem na expressão Nome-do-Pai – tem a ver com o S_1 , o significante-mestre, e comanda a organização do próprio discurso, isto é, determina um modo de gozo dominante. Como o discurso do mestre se modifica no curso da história – o que é uma forma de dizer que o laço social se modifica – o mundo que nos fala e que nós falamos também se modifica. As grandes vias do simbólico mudam. Em consequência os sintomas que, de certa forma, completam o discurso, também se modificam; sintomas que revelam a potência do que chamamos gozo em relação a cada discurso. Essa teoria do discurso nos permite apreender o que surge na saúde mental e na psicopatologia quotidiana, o que é um fato novo. Por exemplo, é claro que aquilo que o mestre nomeia como clínica das adições se desenvolveu durante

os quarenta últimos anos. Então, quando o discurso do mestre muda, acontece o mesmo com o simbólico que o completa.

Jacques-Alain Miller trata dessas modificações desde o fim dos anos 80, abrindo um leque maior sobre a política lacaniana, sobre as causas e consequências deste enunciado: "O Outro não existe". Ele manteve com Éric Laurent um seminário de um ano de duração sobre essa questão⁶. O termo *psicose ordinária* é para ser tomado nesse contexto político, no sentido da evolução das modalidades dominantes do laço social. Ele ressalta a clínica na medida em que está ligado ao discurso como modo de gozo e, ao mesmo tempo, à lógica da sexuação fundada sobre o "não há relação sexual".

Vou justamente indicar aqui que no enunciado "não há relação sexual", relação (*rapport*) não é sinônimo de relação (*relation*). Nessa formulação Lacan utiliza o termo *rapport* como a ciência o faz. Trata-se da relação (*rapport*) entre duas séries covariantes de fenômenos. Podemos dizer, por exemplo, que há uma relação (*rapport*) sexual entre o espermatozóide e o óvulo porque ela pode se escrever em termos químicos e biológicos. Podemos dizer que há relação (*rapport*) sexual entre o macho e a fêmea no campo da sexualidade animal. Porém, quando nos referimos aos seres falantes, *parlêtres*, a linguagem intervém como organizador do laço social abrindo ou não a possibilidade do encontro sexual. Portanto, não há escritura científica da relação (*rapport*) sexual quando se trata dos seres falantes. Sua relação (*rapport*) é um encontro de fala. Lembremos a afirmação de Freud segundo a qual a criança é um perverso polimorfo, porque ela vai exatamente na mesma direção.

⁶ MILLER, J.-A., con colaboración de LAURENT, E. *El Otro que no existe y sus comités de ética* (1996-1997). Buenos Aires: Paidós, 2005. *Seminário de Orientação Lacaniana II*, 15, ensino pronunciado no quadro do Departamento de Psicanálise de Paris VIII, aulas de 11/12/1996, 4/12/1996, 23/4/1997 e 11/6/1997. [Aula de 20/11/1996, ver o artigo intitulado "L'Autre qui n'existe pas et ses comités d'éthique", *La Cause freudienne*, nº 35, fevereiro 1997, p. 7-20] [Aula de 4/12/1996, ver o artigo de Éric Laurent, Jacques-Alain Miller, "Les pathologies contemporaines de l'identification: les pensionnats", *Letterina*, nº 16, maio de 1997, p. 5-23] [Aula de 29/1/1997, ver o artigo de Jacques-alain Miller, Eric Laurent e Bernardino Horne intitulado "L'Autre qui n'existe pas et l'expérience de la passe", *La Cause freudienne*, nº 36, maio de 1997, p. 99-111].

O deslocamento do eixo organizador da classificação clínica

1. *Em direção ao múltiplo*

Segundo Éric Laurent, a psicose ordinária se caracteriza por não responder aos significantes-mestres tradicionais, manifestando o fim do poder do Nome-do-Pai enquanto único significante da lei simbólica. Isso mostra um deslocamento do eixo da classificação clínica. Agora vou dizer em que direção segue esse deslocamento.

Primeiramente, ele vai em direção ao múltiplo, logo, à pluralização dos Nomes-do-Pai, tal como Lacan a descreve no Seminário *R.S.I.*⁷. Vai também em direção ao múltiplo pela transformação do S_1 naquilo que Lacan chama, jogando com o equívoco da palavra *essaim*, enxame, que é homofônico ao S_1 . Passa-se da potência de um elemento que organiza todos os outros a um enxame que implica uma multiplicidade de significantes fazendo conjunto, uma multiplicidade não centralizada em torno de um só elemento ao qual ela obedeceria. Trata-se de um movimento em direção ao múltiplo, um princípio de multiplicação, do um em direção ao plural.

A terceira forma que assume essa orientação em direção ao múltiplo é a qualificação do Nome-do-Pai como um sintoma entre outros. Isso é novo. Ninguém jamais havia pensado que o Nome-do-Pai, que era o eixo de diferenciação entre neurose e psicose, deliberadamente o centro da estrutura subjetiva, fosse um sintoma. Nos primeiros textos de Lacan, que vocês podem ler no início dos *Escritos*⁸, ele convoca o Nome-do-Pai a uma normalização, a saber, uma sublimação. No fim de seu ensino, ele o chama um *sintoma*. A questão que se coloca é sobre o poder organizador desse sintoma nessa nova relação com outros sintomas aparentemente mais frágeis no que concerne à

⁷ LACAN, J. *Le Séminaire, livre XXII, "R.S.I."* (1974-1975). Inédito. Várias aulas foram publicadas em *Ornicar?*, *Boletim periódico do Campo freudiano*.

⁸ LACAN, J. *Escritos* (1966). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

organização da relação do sujeito ao laço. Portanto, há um deslocamento de um ponto central em direção a uma multiplicidade de pontos equivalentes em poder de determinação.

2. *Do O ao Um*

O segundo movimento. Ao ler o último Lacan descobre-se que, cada vez mais, ele substitui o universal (o artigo definido) “o, a” – por exemplo, o homem, a mulher etc. – pelo (artigo indefinido) “um, uma” – um homem, uma mulher, uma solução, um sintoma, um nome. O movimento vai da universalidade de uma classe completa e organizada em direção ao indefinido, à incompletude. Lacan teorizou esse deslocamento que podemos seguir na medida em que ele próprio se inscreve no texto lacaniano.

O movimento do artigo definido ao artigo indefinido que se generaliza, tem uma consequência. “O, a”, implica a referência aos conjuntos definidos, o que exige a existência de um ponto exterior ao conjunto. Lacan fornece uma contribuição à lógica e aos trabalhos dos lógicos sobre essa questão. Utilizar “o, a” leva a fazer existir um ponto que faz exceção ao funcionamento do conjunto. Reconhecemos aqui as chamadas fórmulas da sexuação, na parte esquerda do quadro que se encontra em *Mais, ainda*⁹, e que corresponde ao funcionamento masculino – não que as mulheres não funcionem assim, elas funcionam, porém, o funcionamento é masculino no sentido da humanidade dos seres falantes e não no sentido sexual. A consequência disso é que a psicose não é mais a única organização psíquica em relação à exceção.

Enquanto vocês estão no funcionamento da orientação de um conjunto completo, definido por um elemento em posição de exceção, a psicose permanece extraordinária; porém se vocês adotam outro modelo lógico, a psicose cessa de sê-lo.

⁹ LACAN, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

3. *O não-todo*

O terceiro ponto relacionado ao que estou dizendo é que o *não-todo* aparece como alternativa ao conceito de foraclusão. Paradoxalmente, ele implica a generalização da foraclusão e concomitantemente o impedimento de ser um absoluto. Ele abre à diversificação das múltiplas formas de gozo segundo os discursos com os quais a realidade é tratada pelos seres humanos. A invenção da psicose ordinária assume um lugar nesse novo contexto teórico, clínico e político.

Com Schreber, temos um exemplo do que Jacques-Alain Miller chama de psicose extraordinária. Ela se caracteriza por um delírio, extraordinário, ou seja, toda uma construção para colocar o imaginário ali onde falta um significante. Nesse caso, o próprio sujeito deve se consagrar em encarnar a exceção que falta, a exceção do “pai que nomeia”, faltante. Assim, Schreber tem que se tornar A mulher que falta a Deus. Podemos encontrar outros pacientes que se devotam a ser o homem que pode seduzir ou satisfazer todas as mulheres etc. Essas posições de exceção correspondem ao que chamamos psicose extraordinária. Trata-se de sustentar aí o axioma — existe um x para quem não é Φx .

$$\exists x \quad \overline{\Phi x}$$

Minha primeira hipótese é que a psicose ordinária nada tem a ver com essa forma do princípio de exceção. Na psicose ordinária os pacientes não se consagram em encarnar eles próprios a função de exceção que falta na organização simbólica. O termo *ordinário* em psicose ordinária quer então dizer não excepcional, comum, banal, como na expressão *A banalidade do mal*, de Hannah Arendt.

A modificação do estatuto do Nome-do-Pai

1. *Do Nome-do-Pai à nomeação (nommer-à)*

Farei uma rápida referência à aula de 19 de março de 1974 do seminário *Os não-tolos erram*¹⁰. Parece-me que Lacan diz aí alguma coisa que permite fazer uma hipótese suplementar para alcançar a especificidade clínica da psicose ordinária. Nessa aula, ele menciona a mudança histórica com a qual somos confrontados no discurso que leva agora o nome de discurso do mestre. Qual é essa modificação? Lacan diz que algo mudou no espírito do tempo: passamos do Nome-do-Pai como função para aquela da nomeação (*nommer-à*) que vem no lugar anteriormente ocupado pela função Nome-do-Pai.

Falando propriamente, a expressão *nommer-à* não deve ser considerada como uma função substitutiva do Nome-do-Pai, porque é mais um indicador, a saber, um imperativo de ter que ocupar uma função qualquer, por exemplo, ser nomeado Primeiro Ministro ou responsável. Lacan sublinhou, em dois momentos bem distantes de seu ensino sobre as psicoses, que o fato de a função Nome-do-Pai ser ocupada por um indivíduo tem sempre efeitos desastrosos sobre os sujeitos. É uma função, a função do “pai morto”, não uma pessoa viva. É absurdo pensar que alguém possa ser nomeado à forclusão do Nome-do-Pai. Portanto, é uma função que, por permanecer vazia, permite o funcionamento significativo para o conjunto dos seres falantes. O princípio da nomeação (*nommer-à*) demonstra ser diferente, visto que esse lugar único não é mais diferenciado. Cada vez que a questão tem a ver com um trabalho ou uma função, alguém é nomeado para essa função. Que o Nome-do-Pai se transforme em um nomear alguém para uma função, esse é o traço que Lacan ressalta para caracterizar do discurso do mestre contemporâneo.

Através do equívoco, ele prosseguiu seu trabalho sobre a nomeação. Como sabem, Lacan operou sobre o Nome-do-Pai em sucessivas determinações. Se o Nome-do-Pai podia ser entendido como significante substituído ao Desejo da Mãe, Lacan o redefine, pela mesma chave do simbólico, como o pai nomeador

¹⁰ LACAN, J. (1973-1974). *Le Séminaire, livre XXI*, “Les non-dupes errent”. Inédito.

(*nommant*) – função de nomeação do real. O fato de nomear pertence ao pai: essa função e esse poder de fazer buracos no real.

Lacan efetua um terceiro passo no seminário de 1974, terminando por utilizar a nomeação fora de qualquer referência ao pai. A referência é então à mãe, uma mãe que nomeia alguém (*nomme-à*), vindo substituir o pai do nome na contemporaneidade.

2. *A hiância necessária entre a negação lógica e o princípio do interdito*

O outro ponto que é preciso ligar ao primeiro é difícil, então vou abordá-lo em três frases. Freud, em seu célebre artigo "A negação"¹¹, liga as estruturas clínicas em psicanálise à negação. Esta aparece sob três formas: negação enquanto recalque, negação enquanto denegação (*déni*), negação enquanto forclusão. A partir dessas três formas do mesmo princípio, Freud funda a neurose, a perversão e a psicose. O princípio de negação é ao mesmo tempo gramatical, mas também lógico, acentuação colocada por Lacan na escritura das fórmulas da sexuação.

Lacan, nesse mesmo seminário, sublinha uma hiância entre a negação como princípio lógico e a negação enquanto ligada ao interdito. A negação deve ser diferenciada do interdito. Essa hiância é necessária. Deve-se passar do princípio de negação que organiza a linguagem ao princípio do interdito, princípio social organizador. O Nome-do-Pai é precisamente o nome dessa hiância, ele vem velá-la. Como sabem, Lacan, no seminário *O desejo e sua interpretação*¹², havia ligado a função do interdito à função do desejo, mostrando sua equivalência: há desejo onde há interdito, ambos estão intrinsecamente ligados. O interdito e o desejo são duas faces de uma mesma peça de onde se origina o sentido sexual organizador de todo discurso. Somos

¹¹ FREUD, S. "A negação" (1925). Em: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993, vol. XIX, p. 253-257.

¹² LACAN, J. *Le Séminaire, livre VI, Le désir et son interprétation* (1958-1959). Inédito.

seres falantes obcecados pelo sentido sexual, fornecemos um sentido sexual a tudo. Lacan toma como exemplo o *yin* e o *yang* da civilização chinesa para mostrar que podemos compreender qualquer coisa da humanidade com o binário mulher-homem, que colore de sentido sexual todo laço de discurso. O interdito, ligado ao significante Nome-do-Pai, funda o sentido sexual que define os limites do sistema simbólico. A diferença neurose-psicose mantém que a hiância entre a negação, princípio lógico, e a negação, princípio de interdito, não é recoberta pelo operador simbólico Nome-do-Pai. Na psicose, o nome não é um "não".

3. *O retorno do pai no real das normas sociais*

Quando Lacan menciona nessa aula de 1974 a expressão *nommer-à*, ele acrescenta que o Nome-do-Pai é hoje foracluído. É pois, no real que ele retorna, conforme a fórmula o foracluído do simbólico retorna no real. Como o Nome-do-Pai foracluído retorna no real? Lacan lança a hipótese de que ele retorna como normas sociais no discurso.

Como interpretar essa intuição fulgurante de Lacan? Entendo-a como a substituição, na atualidade do discurso do mestre, do significante Um pela cifra, a média, o *ratio*. Agora esse significante é o mestre, um mestre tirânico que reivindica seu poder de ciência. O centro da curva de Gauss é a ordem social. Eis o Nome-do-Pai hoje: o politicamente correto, o consenso, a *evidence proof* de tudo que significa a única justificativa do direito de existir. A ordem social é fundada não sobre a função do pai que nomeia, mas sobre a curva de Gauss cuja normalidade é a mediana. De imediato, o sentido também modificou. Se todo sentido é gozo, o sentido sexual se transformou em sentido social, sentido comum e comportamento ordinário. Lacan qualifica essa ordem social como "ordem de ferro"¹³. Ela é mais feroz que o Nome-do-Pai porque não é o desejo que lhe é correlato, como se produz no caso do interdito, mas o gozo de forma

¹³ N.T: Cf. LACAN, J. *Le Séminaire, livre XXI, Les non-dupes errent, op. cit.*, aula de 19/3/1974.

direta. Quando alguém lhe diz “não” o desejo pode surgir, porém se é um número que vem no lugar do “não”, só o supereu pode responder.

Tentei encontrar um nome para esse novo supereu; o nome é aquele que podemos escrever a expensas do ideal do eu. Podemos falar hoje de um supereu estatístico. Quando falamos de psicose ordinária, trata-se de um comportamento super social. Trata-se de uma submissão absoluta seguramente metonímica e não metafórica, de uso comum à banalidade, tal como eles são definidos pela mediana da curva. As estatísticas não são mais consideradas no quadro da probabilidade, porém, assumem valor de certeza.

Assim, a psicose ordinária é a psicose do tempo do Outro que não existe, do “não há relação sexual”.

Não há relação sexual no ser humano, eis porque há o laço social e o discurso. Essas duas fórmulas são equivalentes. Dizemos que, no *parlêtre*, não há relação sexual que possa se escrever cientificamente, então só conta o laço social, o discurso, o semblante. Não há sexualidade sem enunciações, falas, literatura, ópera. Ali onde não há relação sexual, há o discurso. Ali onde há a relação sexual que se escreve, não há necessidade de discurso. A psicose ordinária está à vontade com o Outro que não existe e com a ausência de relação sexual: ela desloca o discurso para o número, fornece ao semblante o valor de real.

Duas questões

Concluirei com duas questões as quais penso que os trabalhos apresentados¹⁴ nesta semana permitirão encontrar as respostas ou algumas respostas.

Nós não estamos de acordo com certo número de pontos concernentes à psicose ordinária. Trata-se de um *work in progress*, não de um trabalho

¹⁴ Consultar este número de QUARTO em seu conjunto.

fechado sobre um conceito. Trabalhamos com ele. A psicose ordinária é uma psicose desencadeada ou não? Penso que ela é. Entre nós, alguns pensam que ela não é. Minha posição é que, se queremos fazer um uso operacional desse conceito, devemos cercá-lo em relação aos outros conceitos utilizados anteriormente para dar conta da psicose. Portanto, penso que se trata de uma psicose desencadeada. O problema agora é saber se esse desencadeamento tem uma especificidade.

Também temos que refletir de que forma a psicose ordinária se desenvolve, por quais mecanismos se ela desdobra no tempo. É sobre isso que vamos trabalhar com a ajuda de numerosos casos clínicos.

No vasto contexto que preparei para introduzir nosso seminário, a noção de psicose ordinária, modificando nossa abordagem da psicose, pode ter recaídas sobre o binário neurose-psicose. Como pensar a neurose na época do "Todo mundo delira" do último Lacan¹⁵? Todo mundo delira, salvo as psicoses ordinárias? Nessas condições, o delírio é próprio das psicoses extraordinárias e das neuroses? Vocês puderam ler, na primeira capa do programa deste seminário, a proposição de Lacan: "Ser louco não é mais um privilégio"¹⁶. Isso só pode ser entendido em relação à função de exceção. A psicose ordinária parece estrangular a exceção, parece ser a adaptação da psicose no tempo onde o Pai, a exceção, foi substituído pelo número. Psicose do número e não do nome? Entretanto, sabemos pela clínica que certas estruturas não respondem da mesma forma ao trabalho analítico e teremos certamente que trabalhar sobre a evolução da neurose.

¹⁵ N.T. Cf. LACAN, J. *Lacan pour Vincennes, Ornicar?*, n°17/18 (1979). Bulletin périodique du Champ freudien. Paris: Seuil, p. 278.

¹⁶ N.T. Cf. LACAN, J. *O Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-1976). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p. 85.

Perguntas do público

Wilfried Ver Eecke – A ideia da nomeação (*nommer-à*) ressoa para mim tal como a modalidade do voto nos Estados Unidos e a nomeação que a segue [...] Não há ligação entre o processo democraticamente organizado e a responsabilidade. Enquanto com o Nome-do-Pai há uma relação entre aquilo que ele disse, aquilo que ele significa, e aquilo se julgou fazer.

Marie-Hélène Brousse – Eu lia algo sobre uma lembrança de infância de um juiz que fez uma carreira muito interessante na França. O jornalista lhe diz: “Depois do que você disse, sua mãe não parecia uma verdadeira mãe judia”. Ele responde: “Ah! Sim, ela era, quando eu era menino e não tinha sido sensato ela me dizia: ‘Certamente não é assim que você entrará no Conselho de Estado’”. Isso é mais ou menos um *nommer-à*, ser nomeado para alguma coisa de algum lugar. Nesta curta passagem que pontuei, Lacan diz que *nommer-à* tem algo a ver com as mães; elas não se referem necessariamente ao interdito, mas simplesmente ao que elas querem como nomeação para seus filhos. Esta é uma pequena indicação, mas mostra uma modificação na família em que o grande Outro fala realmente à criança – seja uma mãe-homem ou uma mãe-mulher, porque atualmente temos mães-homens por todo lado –, o Outro em posição materna, aquele que diz à criança o que deve ou não deve fazer, não se refere mais necessariamente a esse terceiro elemento ou ponto de exceção como outrora. Lacan diz que estamos indo em direção a uma grande mudança no desenvolvimento da vida psíquica.

Um interveniente de Sidney – Isso me faz pensar no que por vezes podemos chamar de nome da mãe enquanto oposto ao Nome-do-Pai, dizendo, ao mesmo tempo, o “não” do Pai e o “sim” da mãe.

Marie-Hélène Brousse – O “não” do Pai se endereça mais à mãe do que à criança. Porque, como talvez você saiba, no *Seminário 5*, quando Lacan trata dos três tempos cronológicos do complexo de Édipo, ele diz que o terceiro tempo, que lhe permite sair disso, se dá quando o Pai diz “sim”. É exatamente o que eu disse: quanto menos ideal do eu mais supereu. Mãe e mulher sempre

tiveram ligação com o supereu. Jacques-Alain Miller trouxe uma importante contribuição ao tema, desdobrando a referência utilizada por Kant sobre a lei moral. Em Kant, encontra-se uma nota em latim quando ele fala do amor pela lei moral. Miller procurou a origem dessa nota e a encontrou em Juvenal, em um capítulo sobre o casamento, no qual se encontra uma curta narrativa sobre dois homens que discutem a propósito do casamento. Um diz que é uma coisa terrível e o outro, maravilhosa. Aquele que diz que é uma coisa terrível traz uma pequena anedota que localiza o supereu, isto é, o imperativo de gozo do lado feminino. Trata-se de uma mulher que pede ao seu marido que mate um escravo que ela não gosta. O marido lhe diz: “Ah, não, é muito dinheiro, você não pode fazer isso”. Ela diz: “Não”. *Sic volo sic jubeo*, “assim eu quero, assim eu ordeno”. É em direção dessa fórmula do supereu que avançamos com o *nommer-à* da mãe. É também a fórmula do mestre moderno, algo como: “Isso que eu quero, porque é meu direito, porque é legítimo”. Aqui o S_1 não é mais um significante, é uma porcentagem. Véronique Vóruz¹⁷ falará sobre o *Anti-Social Behaviour Order* no Reino Unido. É uma modificação, parece-me, na democracia de hoje. Os Estados Unidos e o Reino Unido, que eram as duas pátrias da democracia, serão cada vez menos democráticas em relação ao que elas eram.

Wilfried Ver Eecke – Hoje nos Estados Unidos todas as instituições estão submetidas a uma cota, respeitando a diversidade, isto é, 30% de afro-americanos, tanto quanto hispânicos etc.

Marie-Hélène Brousse – Certamente, era o que eu dizia com “ir em direção ao múltiplo”. Porque se isso é só 70% na comunidade branca, talvez possa ser, não sei, 3% na comunidade latina. Podemos utilizá-lo exatamente da mesma forma, é igual, contanto que não haja uma só nação ou país. Se existe minoridades, se fazem muitas normas sociais.

Wilfried Ver Eecke – Mas isso reforça a função do advogado.

¹⁷ Ver neste número de *Latusa digital*: VÓRUZ, V. “Democracia e psicose ordinária”.

Marie-Hélène Brousse – Sim, as mães vão nomear, no sentido de “destinar” seus filhos cada vez mais à lei e cada vez menos à medicina.

Ellie Ragland – Existe uma ligação entre a ideia de Lacan dos anos 30 de que há uma paranóia normal, que era o estatuto normal do sujeito, e mais tarde a ideia de uma psicose, uma psicose ordinária, que não seria aquela de todo mundo, mas de muito mais pessoas. Como poderíamos pensar na psicose extraordinária?

Marie-Hélène Brousse – Sim, é uma observação muito interessante. Quando eu disse que um dos fundamentos da primeira clínica de Lacan era a supremacia da ordem simbólica sobre a ordem imaginária e o real, certamente o simbólico dominava o imaginário, tal como foi concebido desde o início, desde o Estádio do Espelho, a paranoia enquanto do eu (*moi*). O eu enquanto tal é, em Lacan, paranóico. Então nesse sentido você tem razão. Cada um é paranóico na medida em que há um eu. Porém, com a concepção do simbólico reorganizando a ligação do primeiro laço imaginário ao pequeno outro, é bem diferente da estrutura paranóica delirante, tal como Lacan a definiu com o caso Schreber no *Seminário 3*. É certo que a psicose ordinária esteja ligada à elaboração borromeana de Lacan – Pierre Skriabine¹⁸ falará disso – que implica equivalência entre a ordem simbólica, o imaginário e o real. Consequentemente, vocês podem imaginar que temos que rever nossas classificações a fim de captar de maneira mais adequada os fenômenos psicóticos na clínica cotidiana.

Um interveniente de Sidney – Fazendo a diferença entre psicose clássica e psicose ordinária, devemos pensar a clínica *per se*, sua implicação na abordagem, o tratamento. Existe aí uma diferença? Seria talvez uma questão aberta?

Marie-Hélène Brousse – É uma questão em aberto e vocês vão trabalhá-la. Minha introdução vai nesse sentido. Vimos que Miller não inventou o termo

¹⁸ Ver neste número de *Latusa digital*: SKRIABINE, P. “A psicose ordinária do ponto de vista borromeano”.

psicose ordinária somente porque queria. Situei para vocês essa invenção em um programa de pesquisa que diz respeito às nossas dificuldades, aos nossos problemas nos tratamentos confrontados às nossas próprias categorias diagnósticas, porém, com novas soluções e novos fins dos tratamentos etc. De certa maneira, era desejado.

Tradução: Marcia Mello de Lima